A FILOSOFIA DA LINGUAGEM DO CÍRCULO DE BAKHTIN E A LA INDISCIPLINAR: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

THE CIRCLE OF BAKHTIN'S LANGUAGE PHILOSOPHY AND THE TRANSGRESSIVE APPLIED LINGUISTICS: POSSIBLE DIALOGUES

Paula Tatianne Carréra Szundy[1]
[Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8465-1406]
Patrícia de Souza Martins[2]
[ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7978-7165]
Diego Domingues Peçanha Moreirão[3]
[Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4774-6032]
DOI: https://doi.org/10.30612/raido.v14i36.12414

RESUMO: Concepções da filosofia de linguagem do Círculo de Bakhtin têm sido ressignificadas por linguistas aplicados/as para criar inteligibilidade sobre os usos situados de recursos semióticos em esferas sociais diversas. Levando-se em conta os processos de (des/re)contextualização de construtos da análise dialógica do discurso bakhtiniana na Linguística Aplicada, o presente artigo parte de uma perspectiva indisciplinar/transgressiva de Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006; SZUNDY; FABRÍCIO, 2019) para refletir sobre diálogos possíveis entre essa vertente e construtos do Círculo como enunciado, atitude responsiva, ato responsável, dialogismo e ideologia. A reflexão esboçada foca na potência desses diálogos para o desafio de discursos hegemônicos que (des)legitimam determinadas práticas sociais em detrimento de outras. Para ilustrar essa potencialidade, convocamos concepções do Círculo para problematizar, em uma perspectiva indisciplinar de LA, enunciados sobre educação de jovens e adultos e ideologias linguísticas enunciadas por leitores/as e/ou produtores/as de literatura de fãs (fanfiction).

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; LA indisciplinar; dialogismo; ideologia

ABSTRACT: Conceptions of the language philosophy proposed by the Circle of Bakhtin have been resignified by applied linguists to seek comprehension about the use of semiotic resources in diverse social spheres. Taking into consideration (de/re)contextualization

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-Mail: ptszundy@letras.ufrj.br. . Agradeço ao CNPq pelo suporte financeiro para publicação desse artigo através de bolsa de produtividade em pesquisa (processo nº 307218/2018-0)

2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Colégio Pedro II, RJ, Brasil. E-mail: patriciamartins@letras.ufrj.br e pdsmartins@cp2.g12.br

3 Doutorando do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Secretaria Municipal de Educação, Duque de Caxias, RJ. E-Mail: diegodomingues87@gmail.com

processes of constructs designed by the Bakhtinian dialogic discourse analysis in the scope of Applied Linguistics, this paper relies on a transgressive perspective of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006; SZUNDY; FABRÍCIO, 2019) to draw a reflection on possible dialogues between this perspective and concepts of the Circle such as utterance, responsive attitude, responsible act, dialogism and ideology. The outlined reflection focuses on the power of these dialogues to challenge hegemonic discourses that (de)legitimize certain social practices at the expense of others. In order to illustrate such power we refer to the Circle's conceptions to problematize, in a transgressive perspective of Applied Linguistics, utterances about adult education and language ideologies refracted by fanfiction readers and writers.

Keywords: Circle of Bakhtin; transgressive Applied Linguistics; dialogism; ideology

INTRODUÇÃO

> [...] É necessário reconduzir a teoria em direção não a construções teóricas e à vida pensada por meio destas, mas ao existir como evento moral, em seu cumprir-se real – à razão prática – o que, responsavelmente, faz quem quer que conheça, aceitando a responsabilidade de cada um dos atos de sua cognição em sua integralidade, isto é, na medida em que o ato cognitivo como *meu* ato faça parte, com todo o seu conteúdo, da unidade da minha responsabilidade, na qual e pela qual eu realmente vivo e realizo atos. (BAKHTIN, 2017 [1919-21], p. 58)

> Ideologias são performativas, pois agem no mundo social, forjando diferentes efeitos de sentido. A atenção à multiplicidade de efeitos performativos de nossa práxis linguística, portanto, seria uma atividade ética central. Caberia-nos, então, sempre perguntar: Que formas de existência, que entendimentos e que relações ganham existência em nossas performances? [...] A crença na neutralidade de signos, textos e discursos ignora a complexa operação semiótica envolvida na projeção, manutenção ou desafio de posicionamentos identitários. Assim, práticas linguístico-semióticas de catalogação de pessoas e objetos, retiradas da conjuntura sociohistórica de sua produção, tornam-se leis naturais, sendo tomadas como verdades científicas incontestáveis. A forma de vida naturalizada que sedimentou relações de raça, gênero, sexualidade e classe social é nossa velha conhecida. Abalá-la requer ver de outro modo. (SZUNDY; FABRÍCIO, 2019, pp. 69-70)

Há uma distância temporal de quase cem anos entre os discursos citados acima. Ao inscrevermos esses enunciados em seus cronotopos (BAKHTIN, 2015 [1930]), ou seja, em construções discursivas de tempo e espaço, temos que:

- o enunciado de Bakhtin (2017 [1919-21]), inscrito em uma filosofia de natureza marxista, contesta já no início do século XX o processo de alijamento entre teoria e vida, defendendo a (re)condução da teoria em direção à práxis, entendida, por sua vez, como ato ético, situada no existir-evento pelo qual, como seres cognoscentes, somos responsáveis e responsivamente ativos.
- o enunciado de Szundy e Fabrício (2019), produzido quase um século depois, recontextualiza as vertentes indisciplinar e transgressiva da Linguística Aplicada (LA) elaborada por Moita Lopes (2006) e Pennycook (2006), respectivamente, como

abordagens que tomam as ideologias como performativas para dar visibilidade a efeitos de sentido que contribuem para reforçar ou contestar posicionamentos identitários e formas de vida que têm contribuído para sedimentar ou abalar relações de raça, gênero, sexualidade, classe social, entre outras.

Assumindo a natureza ideológica do signo e o caráter dialógico da linguagem (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]; BAKHTIN, 2016 [1952-53]), as questões que se colocam como fundamentais para esse artigo são: em que aspectos concepções de línguas(gens) inscritas em cronotopos tão distintos se encontram? como tais concepções podem dialogar para desafiar significados hegemônicos? As duas citações acima já apontam para diversas tessituras possíveis entre a análise dialógica do discurso desenhada pelo Círculo de Bakhtin[4] e a vertente indisciplinar da LA, as quais serão aprofundadas ao longo do artigo.

Dentre essas tessituras destacam-se a indissociabilidade entre teoria e vida e a consequente rejeição de ideologias linguísticas pautadas em crenças sobre a neutralidade e pureza das línguas(gens). Alinhando-se, portanto, a uma perspectiva dialógica dos discursos, as perspectivas indisciplinar e transgressiva de LA tomam os significados como performativos e, portanto, com efeitos (anti)éticos no mundo social. Podemos, portanto, inscrever a LA indisciplinar no existir evento pensado por Bakhtin (2017 [1919-21]). Para ambas as perspectivas não basta, no entanto, apenas situar as línguas(gens). Faz-se fundamental (re)pensar nossas (inter)ações no mundo social como (des/re)construções discursivas situadas sócio-historicamente e perpassadas por relações de poder com consequências éticas para outrem. Nesse sentido, a LA indisciplinar abraça a perspectiva ideológica dos signos (VOLÓCHINOV (2017 [1929]) para problematizar sistemas ideológicos cristalizados que causam sofrimento e dor.

Da mesma forma que para Bakhtin (2016 [1952-53]) não há enunciados "virgens" na medida em que nossos enunciados dialogam com outros que o antecederam e esperam por respostas ativas dos/as interlocutores/as (materializados ou não) a quem se dirigem, a LA indisciplinar aposta nas misturas, nos hibridismos, no apagamento de fronteiras para compreender como significados (contra)hegemônicos são reforçados e/ou abalados à medida que recursos semióticos são (des/re)contextualizados em trajetórias textuais diversas. Interessa, especialmente, à vertente indisciplinar problematizar as formas como ideologias linguísticas orientadas por processos de normatização, abstração e purificação das línguas bem como seus efeitos sobre o que (des)legitimamos como línguas(gens) e letramentos vem contribuindo historicamente para forjar "híbridos linguístico-sociais e redes que continuam a exercer um papel fundamental na criação e sustentação de desigualdades e exclusões sociais" (BAUMAN; BRIGGS, 2003, p. 44).[5] Essa problematização demanda a negação de verdades científi-

[4] O Círculo de Bakhtin é como ficou conhecido um grupo multidisciplinar de intelectuais russos que, no início do século XX, desenvolveu importantes reflexões acerca de temas como: linguagem, filosofia, literatura, política etc. Vale ressaltar a observação de Carlos Alberto Faraco sobre o nome do grupo: "essa denominação [Círculo de Bakhtin] foi-lhes atribuída *a posteriori* pelos estudiosos de seus trabalhos, já que o próprio grupo não a usava. A escolha do nome de Bakhtin, neste caso, é plenamente justificável, tendo-se em conta que de todos foi ele quem produziu, sem dúvida, a obra de maior envergadura." (FARACO, 2009, p. 13)

[5] Nossa tradução para "The task of purifying language created language-society hybrids and networks that continue to play a key role in creating and sustaining social inequality and exclusions". (BAUMAN; BRIGGS, 2003, p. 44)

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 378 – 399 | set/dez 2020

cas universais e a implosão de binarismos e fronteiras, incluindo aquelas entre teoria e práxis e entre áreas do conhecimento. Assim, a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin e a perspectiva indisciplinar de LA se encontram na análise de enunciados concretos, orientados axiologicamente e confrontados em arenas ideológicas à medida que os textos viajam (d)entre cronotopos diversos.

Para refletir sobre esses encontros e de que forma os diálogos entre a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin e a vertente indisciplinar de LA podem contribuir para desestabilizar significados hegemônicos, dividimos o artigo em quatro seções. Na seção que se segue, discutimos diálogos (im)possíveis entre a arquitetônica bakhtiniana e a perspectiva indisciplinar de LA para então, na segunda e terceira seções, ilustrar as potencialidades desses diálogos na problematização de enunciados sobre educação de jovens e adultos e ideologias linguísticas enunciadas por leitores/as e/ou produtores/as de literatura de fãs *(fanfiction)*. Por fim, concluímos o artigo esboçando uma reflexão sobre as possibilidades desses diálogos para compreender e transformar os usos (e abusos) de recursos semióticos na contemporaneidade.

1. A ARQUITETÔNICA BAKHTINIANA: INTERSECÇÕES COM A LA INDISCIPLINAR

As críticas do Círculo de Bakhtin ao formalismo e uma influência marxista em seus ensaios – notadamente nos de Volóchinov/Medviédev – conferem às suas ideias o que Souza (1999) aponta como uma Teoria do Enunciado Concreto. Epistemologicamente, essas reflexões do Círculo contribuíram para que uma Sociologia do Discurso emergisse como um campo de investigação da natureza social da linguagem, uma vez que "a língua não é de modo algum um produto morto, petrificado da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social" (VOLÓCHINOV, 2013[1930], p. 157).

Essa crítica ao formalismo bem como o caráter dialógico e responsivo do enunciado, já aparece esboçada no ensaio "Por uma filosofia do ato responsável", escrito por Bakhtin (2017 [1919-21]) no início da década de 1920. Apesar do ensaio apresentar um caráter mais filosófico, ao discutir os conceitos de ato responsável e a relação intrínseca entre palavra e vida, Bakhtin já sinaliza para o caráter ideológico e concreto do enunciado, concepções centrais para o desenho posterior de uma filosofia da linguagem ancorada no dialogismo e na responsividade dos significados que (des/re)construímos em nossas interações com outrem em esferas sociais diversas.

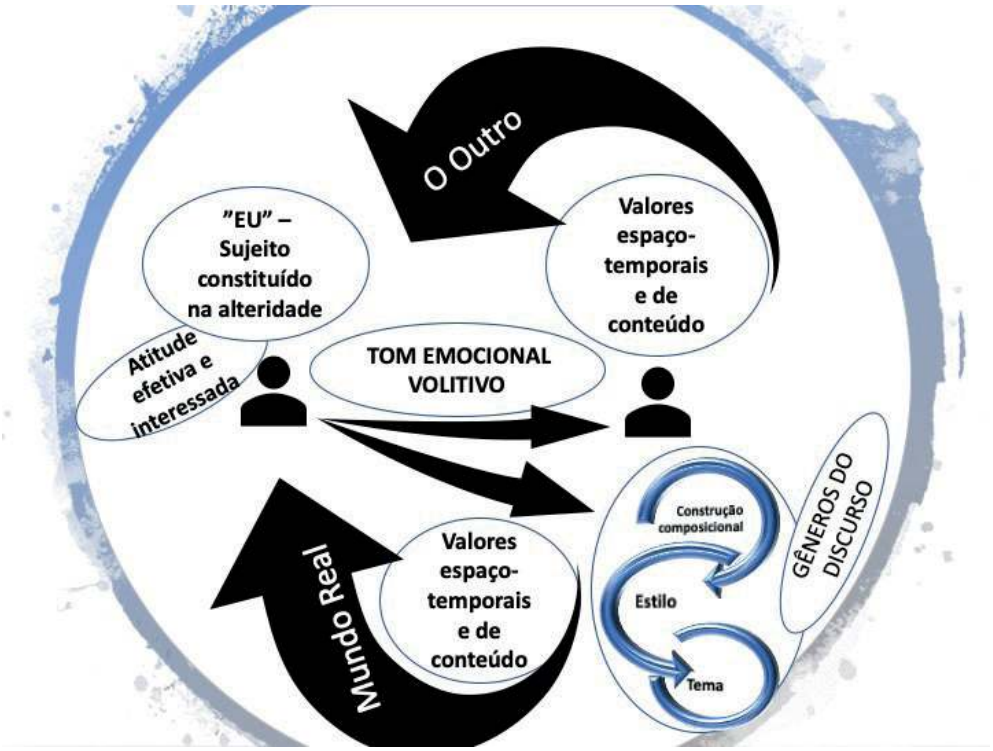
> [...] Expressões como "alto", "baixo", "abaixo", "finalmente", "tarde", "ainda", "já", "é necessário", "deve-se", "mais além", "mais próximo", etc. não somente assumem o conteúdo-sentido do qual fazem pensar – isto é somente o conteúdo-sentido possível – mas adquirem valor real, vivido, necessário e de peso, concretamente determinado do lugar singular por mim ocupado na minha participação no existir-evento. (BAKHTIN, 2017 [1919-21], p. 119)

A concepção enunciada na citação acima de que as palavras só adquirem sentido quando articuladas às nossas formas de estar no e avaliar o mundo, ou seja, em nossas interações sociais, perpassa o conjunto da obra do Círculo de Bakhtin. Essa indissociabilidade entre enunciado e vida é contemplada pelo conceito de arquitetônica que,

conforme indicam Rojo; Melo (2017, p. 1277), refere-se a "como Bakhtin e seu Círculo concebem o texto/enunciado nas mais diversas formas e esferas de produção, circulação e recepção, em especial, o discurso da obra de arte, da literatura". As autoras destacam a recorrência da concepção de arquitetônica nas obras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev bem como a sua relação com a "ideia de avaliação social enquanto julgamento de valor, ou seja, à *entonação expressiva* ou *entoação expressiva*" (ROJO; MELO, 2017, p. 1278).

Partindo, portanto, da arquitetônica do enunciado como ato ético-estético, a figura a seguir sintetiza a arquitetura dos conceitos mobilizados pelo Círculo de Bakhtin para a compreensão e análise do enunciado concreto:

Figura 1: Arquitetônica do mundo real do ato



Fonte: Elaborada por Martins, baseada em Bakhtin (2017[1919-21])

No esquema que a figura acima busca ilustrar, o enunciado do "Eu" refrata uma atitude efetiva e interessada em relação ao "Outro", ou seja, a sua intenção e a situação social mais próxima orientam a escolha de determinados gêneros e esferas ideológicas. Nesse sentido, a figura busca ilustrar os elementos constitutivos da arquitetônica do mundo real do ato responsável apresentando o enunciado concreto em sua totalidade. Totalidade esta que se realiza apenas no fluxo de uma interação discursiva, pois "o sentido real (pravda) não é imanente ao texto: ele se constrói em uma relação dialógica com o "Outro"; portanto, "compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente" (VOLÓCHINOV 2017 [1929], p. 232).

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 378 – 399 | set/dez 2020

A arquitetônica do mundo real do ato remete à centralidade da concepção de dialogismo na filosofia da linguagem desenhada pelo Círculo, alinhavada a partir da premissa de que signo e ideologia estão intrinsecamente relacionados, pois, como bem nos lembra Volóchinov (2017 [1929], p. 93) "o campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. Tudo que é ideológico possui uma significação sígnica". Essa definição de signo como produto ideológico pressupõe que todo signo refrata significados que lhe são exteriores, ou seja, um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo somente possuem significação ao representar e substituir algo encontrado fora deles. Daí emerge a concepção de que existe um outro mundo particular – o mundo dos signos –, uma vez que "onde há signo há também ideologia" (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 93). Partilhando a mesma concepção de que as ênfases ideológicas são ênfases sociais, Medviédev (2016 [1928]), aponta para a *avaliação social* [grifo nosso] como o elemento que reúne a presença material da palavra com o seu sentido.

A avaliação social é, portanto, constitutiva do signo ideológico. Existem avaliações sociais mais instáveis e mais próximas da vida social íntima e da comunicação cotidiana, a que Volóchinov (2019 [1930], p. 260; 2017 [1929], p. 99) se refere como ideologias do cotidiano[6]. E há aquelas mais estáveis e profundas que, como descreve Medviédev (2016 [1928]), n.p)[7], "são determinadas pela situação econômica de uma classe em dada época de sua existência". Volóchinov (2019 [1930]) partilha dessa concepção de Medviédev ao afirmar que

> a palavra, como todo signo ideológico, não só reflete a realidade, mas também a refrata na comunicação social viva, na interação discursiva viva. Isso ocorre porque as *relações de classe* [grifo nosso], ao se refletirem na palavra, ditam-lhe diferentes nuances de sentido, introduzem nela diferentes pontos de vista, atribuem-lhe diferentes avaliações. Desse modo, as relações de classe integram o todo do enunciado como um fator, uma força real, que exerce uma influência decisiva também na sua estrutura estilística (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 320).

Na citação acima, Volóchinov mobiliza o conceito marxista de relações de classe para sinalizar que o "signo transforma-se no palco de luta de classes" (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.113). Essa proposição indica duas implicações discursivas relacionadas às esferas ideológicas de determinados campos da atividade humana. A primeira implicação diz respeito aos sistemas especializados e já formados que constituem os discursos da moral social, da religião, da ciência, da arte, dentre outros. Esses sistemas ideológicos formados "se cristalizam a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa, e costumam dar o tom a essa ideologia do cotidiano" (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 213). A segunda implicação dos sistemas ideológicos formados – organizados em diferentes campos como a imprensa, a literatura, a política – tem a ver com o fato de o poder social e econômico de determinadas classes sociais determinar que suas formações sejam legitimadas como ideologia oficial e, portanto, dominante.

6 Jíznennaia ideológuia

7 Edição digital Kindle, posição 4745.

Com relação às ideologias do cotidiano, Volóchinov (2017 [1929]) explica que é por meio delas que os sistemas ideológicos formados se inserem em uma dada situação social. O autor acrescenta que há várias camadas nas ideologias do cotidiano que são "determinadas pela escala social que mede a vivência e a expressão, bem como pelas forças sociais que as orientam diretamente" (VOLÓCHINOV (2017 [1929], p. 214). Pertencem às camadas mais inferiores das ideologias do cotidiano as vivências mais vagas, os pensamentos e as palavras ocasionais, explicações biográficas. As camadas superiores das ideologias do cotidiano possuem caráter criativo, são mais responsivas aos e estão em contato direto com os sistemas ideológicos formados.

Ao discutir a apropriação do conceito de ideologia em diferentes obras do Círculo de Bakhtin, Costa (2017) destaca o projeto, visível de forma mais acentuada nos textos de Volóchinov e Medviédev, de construir uma estética da linguagem com vistas a contribuir para as ciências das ideologias. Tendo o marxismo como seu paradigma intelectual central, a filosofia da linguagem proposta pelo Círculo vê as relações sociais como constitutivas da criação estética e da atividade linguística, ambas "atravessadas pelos julgamentos, valorações e tensionamentos da realidade histórico-cultural" (COSTA, 2017, p. 94). O enunciado, sempre dialógico e responsivo, representa, conforme destaca Costa, o território onde as ideologias se manifestam e onde diferentes posições ideológicas se confrontam.

A concepção de ideologia é, portanto, central na arquitetônica bakhtiniana e a metáfora do enunciado como arena ideológica onde diferentes significados competem e/ou são (des)legitimados parece profícua para estabelecer aproximações entre essa arquitetônica e opções epistemológicas privilegiadas pelas vertentes indisciplinar e transgressiva da LA. Compartilhando com o Círculo de Bakhtin a premissa em relação ao caráter sempre ideológico do signo, a vertente indisciplinar da LA se opõe de forma radical a quaisquer perspectivas que busquem se eximir de e/ou neutralizar questões políticas e ideológicas em pesquisas sobre línguas(gens). Nesse sentido, também interessa à LA indisciplinar a concepção de enunciado como ato ético inscrito no existir evento e cujos efeitos de sentido trazem consequências para mim e para outrem. Como nos lembra Rajagopalan (2006), a omissão do caráter sempre político e historicamente situado e, portanto, corporificado, dos nossos discursos tem feito com que questões sociais relevantes sejam relegadas a um segundo plano nos estudos linguísticos para se pensar um indivíduo concebido associalmente. Nesse sentido, a LA indisciplinar/transgressiva reverbera a crítica de Bakhtin (2016 [1952-53]) ao objetivismo abstrato saussureano e também elege o enunciado concreto, suas historicidades, avaliações sociais e os confrontos delas decorrentes como seus focos de interesse.

A LA indisciplinar entende que ao lançarmos mão de repertórios móveis e contingentes em processos sempre dialógicos (BAKHTIN, 2016 [1952-53]) de (des/re)contextualização de enunciados, não estamos simplesmente selecionando recursos semióticos (gêneros do discurso, imagens, vídeos, sons, gestos etc.) como instrumentos em uma caixa de ferramenta. Estamos, outrossim, fazendo escolhas axiológicas sempre política e ideologicamente situadas. Comunga, portanto, com a concepção de Volóchinov (2017 [1929], p. 93) de que "o campo ideológico coincide com o campo dos signos". Negar o caráter ideológico da pesquisa sob a justificativa de se buscar uma cientificidade que se quer neutra tanto política quanto intelectualmente constitui, conforme enfatiza Pennycook (2006), uma das grandes hipocrisias de vertentes tradicionais de Linguística

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 378 – 399 | set/dez 2020

Aplicada. Isso porque ao se eximir de questões político-ideológicas mais amplas como racismo, pobreza, sexismo, homofobia e/ou de quaisquer outras formas de discriminação e/ou preconceito, a LA tradicional deixa de considerar as muitas vozes que reivindicam visões alternativas de mundo, o que representa "uma negativa hipócrita de sua responsabilidade social e cultural" (PENNYCOOK, 2006, p. 70).

Para a vertente indisciplinar/transgressiva de LA, o contexto é sempre dialógico, (re/co/des)construído, na perspectiva da linguagem do Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]; BAKHTIN, 2010 [1920-24], 2016 [1952-53]), nas e pelas atitudes responsivas do eu para mim, de mim para o outro e do outro para mim. Como tais atitudes responsivas são constantemente ressignificadas em encontros e confrontos entre universos de contextualização, as (inter)ações performadas e corporificadas nos diálogos não pressupõem, necessariamente, negociação, compartilhamento e simetria de significados (BLOMMAERT, 2005). Nesse sentido, direcionar a lente para processos de fricção entre significados (des)legitimados, de assimetria no controle de recursos semióticos em espaços sociais mais/menos valorizados e de mobilidade dos significados em processos de (des/re)contextualização/descentralização bem como para os efeitos de tais processos na (re/des)configuração da vida social contemporânea, constitui um projeto epistemológico central.

No âmbito de uma linguística indisciplinarmente implicada com as reverberações éticas dos usos situados das línguas(gens), as concepções de ideologias e ideologias linguísticas representam, conforme sinaliza Moita Lopes (2013), concepções epistemológicas e metodológicas potentes. A potencialidade da ideologia nos estudos situados das linguagens (verbais e não verbais) pode ser respaldada pela premissa de Volóchinov 2017 [1929], p. 93) de que todo signo é ideológico na medida em que refrata uma realidade que lhe é exterior, "sendo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante" (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 93). Não há, portanto, possibilidade de quaisquer usos situados das linguagens escaparem de avaliações ideológicas, reiteradas e/ou abaladas em fluxos discursivos permanentes. Nesses fluxos, as concepções do que (não) legitimamos como língua, linguagem e/ou letramento, isto é, as ideologias linguísticas, ocupam um espaço central. Ideologias linguísticas referem-se, portanto, a crenças e sentimentos, explícitos ou implícitos, que determinam nossas relações com e avaliações sobre as línguas(gens) na vida social (WoOLArd, 1998; KroSkrity, 2004) ou ainda "as atitudes responsivas sobre línguas(-gens) construídas pelas pessoas no mundo social" (SZUNDY, 2017, p. 171).[8]

Como nos lembram Szundy e Fabrício (2019, p. 69) "ideologias são performativas, pois agem no mundo social, forjando diferentes efeitos de sentido. A atenção à multiplicidade de efeitos performativos de nossa práxis linguística, portanto, seria uma atividade ética central". Assumindo essa atividade ética como um elo importante entre a LA e a arquitetônica do Círculo de Bakhtin, procuramos, nas próximas seções compreender os efeitos performativos e as implicações éticas e estéticas de ideologias refratadas em discursos (des/re)contextualizados em duas esferas sociais distintas: no contexto da Educação de Jovens e Adultos e em uma plataforma virtual dedicada à leitura e produção de *fanfiction*.

[8] Tradução nossa para "as the responsive attitudes about languages construed by people in the social world" (SZUNDY, 2017, p. 171)

As análises nesses dois campos são significativas para ilustrar o que foi mencionado até agora, pois exemplificam como todo discurso, ideologicamente orientado, pode contribuir para a atribuição de prestígio ou para o apagamento das práticas de letramento de grupos sociais, incluindo práticas de produção literária.

A escolha dessas duas áreas reside no entendimento de que o campo educacional e o literário, apesar de suas particularidades, ocupam frequentemente o mesmo lócus ideológico, o que se observa, por exemplo, em discussões sobre o prestígio de determinadas obras literárias e a respectiva presença destas em sala de aula, sobre práticas docentes envolvendo literatura e sobre a excessiva didatização da obra literária.

Para além das práticas pedagógicas envolvendo literatura, quando pensamos no embate ideológico entre diferentes perspectivas educacionais, temos também o modo como muitas modalidades de ensino são representadas e minimizadas. Dentre elas, a Educação de Jovens e Adultos nos apresenta um bom exemplo sobre como, ao longo das décadas, diversos discursos em torno de seu público-alvo têm contribuído para a deslegitimação de sua importância no espaço escolar.

Os pressupostos da LA indisciplinar/transgressiva em diálogo com o arcabouço teórico desenvolvido pelo Círculo de Bakthin podem, portanto, constituir ferramentas teóricas potentes para criar inteligibilidades sobre como os embates ideológicos concernentes a cada um dos campos em tela nas próximas seções se materializam em enunciados concretos, mobilizando juízos de valor e acentos apreciativos conflitantes.

2. ATITUDES RESPONSIVAS EM DISCURSOS SOBRE EJA

Na legislação brasileira, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é entendida como uma modalidade de ensino da educação básica. Isso significa que as práticas pedagógicas voltadas para o público da EJA devem ser guiadas por metodologias apropriadas e materiais didáticos condizentes com as especificidades de seu público. Mas nem sempre foi assim.

Tal concepção se consolidou há relativamente pouco tempo. Foi somente há trinta anos que a EJA deixou de ser identificada por um caráter compensatório e aligeirado de ensino e passou a ser considerada efetivamente como um direito garantido por lei. Essa concepção de educação para adultos é prevista na Constituição de 1988, promulgada durante a redemocratização do Brasil, alguns anos após o fim da ditadura militar. Nas décadas seguintes, essa compreensão sobre a EJA foi se consolidando através da publicação de novos documentos, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em 1996, e as Diretrizes Curriculares para EJA, em 2000.

Breve apresentação feita sobre o tema dessa seção, cabe agora refletirmos, através dos recortes epistemológicos discutidos nas seções anteriores, sobre os enunciados refratados em torno da educação para adultos em meados do século XX.

Para tal proposta de análise, além dos pressupostos caros à LA de vertente indisciplinar/transgressiva, partiremos do conceito bakhtiniano de responsividade. Com base na premissa do Círculo de Bakhtin acerca do caráter ideológico do signo, nosso objetivo é criar inteligibilidade sobre as inter-relações entre os enunciados em foco, o contexto em que foram produzidos, os interesses a que estão reagindo e com quais concepções de mundo estão dialogando.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 378 – 399 | set/dez 2020

Entendemos, também, que não basta relacionar enunciados a determinadas concepções de mundo. É fundamental problematizar tais concepções, desconstruindo visões que inferiorizam e anulam existências, pois, conforme propõe Rajagopalan (2003) "é possível mudar as coisas, ao invés de nos contentar em simplesmente descrevê-las e fazer teorias engenhosas a respeito delas" (p. 12).

O conceito de *responsividade* situa-se como um dos pilares da teoria dialógica do Círculo de Bakthin, segundo a qual todo ato comunicativo representa um ato irrepetível, único, em que vozes sociais estão emitindo e reagindo a juízos de valores e visões de mundo situadas. Dizendo de outro modo, para o Círculo, não existe a fala descompromissada, o discurso sem intenção ou ainda o discurso descontextualizado, desvinculado de índices de avaliação, opiniões e expectativas. Sempre que alguém se manifesta pela linguagem está, em certa medida, esperando uma reação ao seu enunciado, *uma atitude responsiva ativa*, seja em concordância ou discordância, sendo a indiferença algo jamais esperado pelo interlocutor. "Para a palavra (e, consequentemente, para o homem), não existe nada mais terrível que a irresponsividade" (BAKHTIN, 2016 [1952-53], p. 105)

Dentre os principais integrantes do Círculo, o desenvolvimento destas reflexões encontra destaque principalmente nas obras de Bakthin e de Volóchinov. Em Bakhtin, temos o desenvolvimento dessa compreensão no famoso ensaio intitulado "O problema dos gêneros do discurso", no qual o autor afirma que:

> De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início; às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante". (BAKHTIN, 2016 [1952-53], p. 25)

Volóchinov, por sua vez, afirma em *Marxismo e filosofia da linguagem*, sua obra mais conhecida, que:

> Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais. Todo monumento continua a obra de antecessores, polemiza com eles, espera por uma compreensão ativa e responsiva, antecipando-a. (VOLÓCHINOV, 2017, pp 184-185)

Partindo dessa compreensão do Círculo sobre as relações constituídas pela linguagem e pelo caráter responsivo que essas relações atendem, cabe agora voltarmos nossa atenção para o modo como certos enunciados construídos em torno da EJA refratam atitudes responsivas a interesses políticos e expectativas sociais de determinado período de nossa história.

Consideramos importante a exposição realizada nesta seção, pois na área da Educação não é incomum encontrarmos discursos deterministas que apregoam um único e verdadeiro modelo de encaminhar propostas pedagógicas, de forma frequentemente descolada da modalidade, segmento ou contexto a que se destinam. Modelo educacional este acompanhado, muitas vezes, dos termos *neutro, isento, imparcial* e

objetivo. Tais adjetivos são incompatíveis com a perspectiva bakhtiniana sobre discurso e, como veremos a seguir, também estão longe de definir a maneira como os objetivos da EJA foram delimitados em determinado período.

Seguimos, então, para a década de 1940, quando ocorreu a primeira campanha de escala federal voltada para a educação de adultos. Trata-se da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), lançada em 1947 pelo presidente Gaspar Dutra. Dessa época, podemos destacar o discurso de Lourenço Filho, diretor do Departamento Nacional de Educação e responsável por promover a campanha, como bastante representativo de uma determinada concepção sobre a população adulta com baixa escolaridade.

No artigo *O problema da educação de adultos*, publicado, em 1945, na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Lourenço Filho indica, logo no primeiro parágrafo, que a expressão "educação de adultos" representa " contradição entre os seus próprios termos" já que "a educação é a influência que as gerações adultas exercem sobre as novas gerações para que a estas transmitam suas técnicas, ideias, sentimentos e aspirações" (FILHO, 1945. p. 169).

Esse trecho é curioso, pois em poucas palavras já sintetiza não só uma desconsideração pela Educação enquanto processo contínuo que se realiza por toda a vida, como também apresenta uma definição estreita sobre a própria Educação, restringindo esse conceito ao que é realizado, de modo meramente transmissivo, por uma geração sobre outra.

No restante do texto, Lourenço Filho apresenta as bases de seu pensamento sobre a educação de adultos, ora recorrendo a discursos científicos para sinalizar a sua importância, ora recorrendo a um discurso fatalista sobre a influência negativa do adulto iletrado na sociedade.

> As influências do analfabetismo na vida geral de uma região, ou de todo um país, não carecem de ser salientadas, tanto são evidentes. Sem o comércio pronto de ideias, incapacitado de reajustar seus padrões de cultura às exigências da vida moderna, peiado por superstições de toda a sorte, na luta contra a doença e na aquisição de novas técnicas de trabalho, o iletrado é obstáculo ao progresso. (FILHO, 1945, p. 171)

Voltando à questão da *responsividade* no Círculo, podemos notar que o discurso de Lourenço Filho não destoa do pensamento comum daquele período, respondendo a este de maneira convincente. Na década de 1940, o Brasil contava com uma taxa de analfabetismo de 56,1%, o que representava mais de 13 milhões de pessoas com 15 anos ou mais não alfabetizadas[9]. A baixa escolaridade dos adultos representava, naquele contexto, um obstáculo para o desenvolvimento do país, motivo pelo qual as ações voltadas para suprir essa situação buscavam apresentar resultados satisfatórios no menor espaço de tempo possível.

Além das demandas socioeconômicas, a fala de Lourenço Filho dialoga também com o cientificismo que influenciava bastante os discursos em torno de aspectos educacionais. Professor de psicologia, este autor também foi um dos integrantes do movimento Escola Nova, proposta de renovação educacional brasileira, que afirmava que a causa

[9] Mapa do Analfabetismo no Brasil. Fonte: http://portal.inep.gov.br/ Acesso em 06/05/2020.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 378 – 399 | set/dez 2020

principal da situação da educação deveria ser procurada "na falta de espírito filosófico e científico, na resolução dos problemas da administração escolar."[10]

Vemos, então, como o discurso de Lourenço Filho sobre a educação de jovens e adultos responde a concepções de mundo comuns durante o século XX, concepções essas que se escoravam na ciência para se legitimar. Sem a intenção de eximir os autores das influências que seus discursos produzem, o que se busca apresentar é como um certo caráter de verdade universal atribuído a determinados enunciados está muito mais vinculado ao seu contexto de produção do que necessariamente à sua consistência argumentativa. Retomando Bakthin:

> O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. (BAKTHIN, 2016 [1952-53], p. 62)

Notamos, portanto, como determinado enunciado pode ser mobilizado na tentativa de deslegitimar uma imensa parcela da população, recorrendo a dados numéricos, índices e pesquisas científicas enquanto estratégia para validar o desenvolvimento de determinado projeto de sociedade. Se a aparente objetividade nem sempre é suficiente para operar no convencimento, há também o apelo ao medo, à insegurança, lançando mão de discursos intimidadores, como também podemos notar na seguinte fala de Lourenço Filho: "onde a maioria do povo é analfabeto, há maiores índices de mortalidade infantil. Educar os adultos é, assim, salvar a própria vida das crianças." (LOURENÇO FILHO, 1949 *apud* CARVALHO, 2009)."

Para a análise discursiva, pela perspectiva bakthiniana, é necessário, portanto, levar em consideração não somente a materialidade linguística de determinado enunciado, mas principalmente quais os propósitos enunciativos refratados por esses discursos, em que contexto sócio-histórico estão sendo realizados e quais os possíveis efeitos provocados.

No caso do público-alvo da EJA, muitas vezes, a responsividade diante de enunciados que inferiorizam sua existência e seus saberes opera na assimilação pelos próprios sujeitos desses discursos que os menosprezam. Conforme apontado por Di Pierro e Galvão (2007) "os sucessivos constrangimentos e experiências de discriminação levam à corrosão da autoestima dos indivíduos, que acabam assumindo a identidade deteriorada e assimilando ao próprio discurso as metáforas depreciativas formuladas pelas elites letradas" (DI PIERRO, 2007, p. 24).

Em diálogo com os pressupostos epistemológicos da LA indisciplinar/transgressiva, podemos sugerir que a importância desse tipo de análise se intensifica quando investigamos justamente esses discursos que operam na desconsideração de grupos sociais, ratificando a inferiorização de identidades, a marginalização de saberes e o apagamento de determinados modos de vida.

Pensar as relações linguísticas por essa vertente nos leva a refletir sobre "como podemos criar inteligibilidade sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento

[10] Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) Fonte: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf Acesso em 06.05.2020. Acesso em 06/05/2020.

e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem" (MOITA LOPES, 2006, p. 86).

Pesquisadores que tenham como base essa concepção de LA devem ter clareza, portanto, sobre seu posicionamento político diante dos discursos que investigam, conscientes da perspectiva propositiva que devem assumir; buscando, com isso, desenvolver o próprio processo de pesquisa enquanto um ato responsável diante dos sujeitos com os quais seu objeto de estudo dialoga.

No caso que aqui mencionamos, pesquisar a Educação de Jovens e Adultos é levar em conta as vozes sociais que compõem grupo tão significativo da sociedade brasileira, é valorizar seus conhecimentos e contribuir para a garantia do acesso à Educação enquanto direito fundamental, independentemente de sua faixa etária. Pesquisar EJA é também desconstruir o fatalismo historicamente produzido sobre seu público-alvo. Essas considerações afastam da EJA a percepção de que sua importância está vinculada unicamente à frieza de metas e índices educacionais.

A potencialidade de (inter)diálogos entre a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin e a vertente indisciplinar/transgressiva de Linguística Aplicada representa o elo entre essa e a próxima seção, que se debruça sobre as ideologias linguísticas refratadas em enunciados concretos produzidos por leitores/as e escritores/as de literatura de fãs (fanfiction). Esses (inter)diálogos trazem à luz as arenas discursivas que atravessam tanto os enunciados sobre EJA quanto aqueles produzidos no contexto da fanfiction, ambos marcados por atitudes responsivas acerca do que conta como esfera educacional e/ou literária válidas, atitudes essas que podem contribuir para reforçar e/ou contestar capitais simbólicos relacionados a que letramentos devem ou não ser legitimados em duas esferas sociais que desafiam ideologias cristalizadas sobre o que conta como educação e/ou literatura.

3. IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS NA *FANFICTION*

Fanfiction ou *fanfic* – ficção de fãs, em uma tradução literal – pode ser entendida como narrativas ficcionais produzidas amadoramente por jovens pertencentes a um determinado Fandom.[11] É uma prática na qual fãs de um determinado produto cultural se engajam há décadas e que se situa à margem do que é legitimado como literatura. Considerando os discursos que circulam nessa esfera enunciados reais e concretos (BAKHTIN, 2016 [1952-53]), nosso foco nesta seção consiste em abordar as fricções entre as forças transgressivas possibilitadas pela liberdade criativa dos/as autores/as de fanfiction e aquelas que reforçam os padrões linguísticos da esfera literária. Isso porque "na ótica bakhtiniana, a arte da ficção permite apurar nossa percepção do real e nossa capacidade de transcende-lo como resultado do efeito estético, pondo-nos em diálogo e comunhão com ele e superando nossos próprios limites como decorrência desse dialogo e comunhão." (BEZERRA, 2015, p. 249).

[11] Fandom = Termo originado do inglês, formado pela palavra fan mais o sufixo -*dom*. Indica uma comunidade de fãs de um/a determinado/a ator/atriz, cantor/a, banda, etc. que compartilham interesses, hobbies ou artes em comum.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 378 – 399 | set/dez 2020

Conduziremos a discussão situando a fanfiction no campo da literatura de fãs e no contexto histórico da contemporaneidade. Usaremos, portanto, o termo *fanfiction contemporânea* para distinguirmos as histórias que circulam em suportes digitais daquelas que eram produzidas e consumidas de maneira impressa.[12] É importante ressalvar que a interação escritor/a-leitor/a e leitor/a-texto em meio impresso é repleta de atitudes responsivas de forma que as linguagens digitais das plataformas de autopublicação de histórias apenas ampliaram e/ou modificaram os modos da comunicação discursiva.

A fanfiction contemporânea é produzida e lida em ambientes altamente multissemióticos, em que as linguagens de áudio, vídeo, símbolos, fotos, imagens dinâmicas (*gifs* e *stickers*), dentre outros, se integram organicamente. Além disso, as interações sociais nesse campo da atividade humana destacam-se por práticas comumente engendradas em redes sociais, uma vez que as plataformas virtuais de autopublicação de histórias utilizam ferramentas como *compartilhar*, *comentar*, *curtir/favoritar*. Desse modo, ações como: (i) opinar sobre capítulos ou trechos das narrativas; (ii) trocar mensagens com o/a autor/a da história e/ou com outros/as leitores/as; (iii) avaliar e recomendar histórias para outros/as participantes conectados/as na mesma rede ou até mesmo em outras como o Twitter e/ou Instagram representam o que Bakhtin (2017 [1919-21]) compreende como o ato da atividade de cada um; a experiência que cada um vive.

É, portanto, a noção de que o ato deve "encontrar a unidade de uma responsabilidade bidirecional, seja em relação ao seu conteúdo (responsabilidade especial), seja em relação ao seu existir (responsabilidade moral) [...]" (BAKHTIN, 2017 [1919-21], p. 43),[13] que justifica nossa opção por uma análise situada nos (inter)diálogos entre a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin e a LA Indisciplinar. Desse modo, visando à compreensão das ideologias performativas que provocam permanências e abalos nos enunciados, a fanfiction é aqui compreendida como uma arena ideológica entre discursos que, por um lado, privilegiam e legitimam padrões linguísticos e paradigmas tradicionais de produção literária e, por outro lado, oportunizam a construção de regras e estilo próprios da ficção de fãs.

Para entendermos por que uma construção tem mais prestígio do que outra(s), é necessário analisar as relações de poder que estão imbricadas nos discursos e, por isso, a discussão será pautada por uma concepção semiótica de ideologia em que os conceitos de avaliação social (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]), de ideologias do cotidiano e sistemas ideológicos formados (ideologias cristalizadas) (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) se articulam e se complementam.

E por ser no material da palavra que se pode observar e explicar as formas ideológicas da comunicação sígnica (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), acrescentamos à malha conceitual do Círculo de Bakhtin a noção de ideologias linguísticas, compreendidas como "representações tanto explícitas quanto implícitas que constroem a interseção

12 As fanfics eram publicadas em fanzines (revista de fãs) e circulavam entre os/as fãs do mesmo fandom. A primeira fanzine lançada na década de 1969 tinha como enunciado original a série de TV Star Trek.

13 Responsabilidade no sentido de responder, de "ato responsável". Termos diferentes para expressar a mesma ideia não são raros nas traduções das obras do Círculo não traduzidas diretamente do russo.

entre linguagem e seres humanos no mundo social"[14] (WOOLARD, 1998, p. 3) e "um conjunto onipresente de crenças múltiplas, implícitas ou explícitas, que é mobilizado por todos os tipos de falantes como modelos para a construção de avaliações linguísticas e o engajamento em atividades comunicativas."[15] (KROSKRITY, 2004, p. 497).

Woolard (1998) discorre sobre conceitos de ideologia com o objetivo de contextualizar algumas abordagens para os estudos de ideologias linguísticas, dentre as quais destacamos a abordagem classificada como *intervenção evidente*,[16] que abarca questões sobre política, purismo e padronização. Kroskrity (2004) discute a relação entre linguagem e ideologias, organizando seu conceito em cinco níveis de significação, dentre os quais destacamos as dimensões da *variedade* de ideologias linguísticas e a sua *função mediadora* entre as estruturas sociais e a linguagem em uso.

Orientada por esse instrumental teórico multidisciplinar, a análise dialógico-ideológica abordará questões sobre como são ideologicamente racionalizadas as regras de produção literária e de (in)correção linguística e como essas regras se relacionam com padrões legitimados e valorados nas esferas de poder do existir-evento da produção de fanfiction.

O corpus da análise consiste em dois excertos extraídos da história *Ineffable – l.s.*, de autoria de amelarrypoulain, publicada na plataforma Wattpad[17]. A plataforma se apresenta como uma empresa de entretenimento em multi-plataformas para histórias e é bastante popular entre os/as jovens, especialmente por oferecer também uma interface amigável em aplicativos para dispositivos móveis. A figura 2, a seguir, ilustra a apresentação de *Ineffable l.s* publicada no Wattpad.

Figura 2: Ineffable l.s[18]



Fonte:

14 Tradução nossa para: "[...]representations, whether explicit or implicit, that construe the intersection of language and human beings in a social world are what we mean by "language ideology"

15 Tradução nossa para "[...] language ideologies are [...] a more ubiquitous set of diverse beliefs, however implicit or explicit they may be, used by speakers of all types as models for constructing linguistic evaluations and engaging in communicative activity.

16 Tradução nossa de [overt intervention].

17 https://www.wattpad.com

18 Fonte: @amelarrypoulain, 2018. Disponível em: https://www.wattpad.com/story/142275796-ineffable-l-s Acessado em 07/03/2020.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 378 – 399 | set/dez 2020

Na figura 2, podemos observar que o desenho da plataforma Wattpad se assemelha à construção composicional de um blog. Outro aspecto a ser assinalado é o fato de a "capa" da história retratar um dos integrantes do *One Direction*, uma boyband[19] inglesa que surgiu em 2010 e se desfez em 2016. *Ineffable – l.s.* tem roteiro original, mas os personagens principais Louis Tomlinson e Harry Styles são artistas, ainda muito populares entre jovens, dessa banda. Esse recurso utilizado no processo criativo da fanfiction constitui-se em um *guia de imaginação*[20] no sentido de que a narrativa faz parte do processo estético individual da autora amelarrypoulain, mas, ao mesmo tempo, refrata as formações ideológicas que circulam na esfera do fandom One Direction.

Como uma amostra da linguagem visual da esfera da literatura de fãs foi oportunizada na figura 2, optamos, para fins de análise, por reproduzir apenas a linguagem verbal nos dois excertos que serão apresentados a seguir.

Quadro 1: Prólogo[21]

prologue

by **amelarrypoulain**

Fim

Nunca é pelo fim que as histórias começam. Mas não havia outro modo.

É isso que aquele momento era. Um sincero, meticuloso, liricamente rebelde, provavelmente colocado no lugar errado, e que quebrava absolutamente os padrões de narrativa e de sequência de enredo, mas era isso. Um fim.

Lágrimas não mudariam o que era. Era uma palavra de três letras gritantes que marcava a terminação absoluta de um espaço de tempo, situação, ou ainda, vida.

Dizer que é ousado da parte de um narrador começar a história por um final é no mínimo, petulante, afinal, de que são feitos os fins se não de pequenos começos?

O que seria do "felizes para sempre" sem o marcante prólogo oficial literário e tão famoso "era uma vez"?

Na situação social apresentada no quadro 1, amelarrypoulain se constitui como uma narradora ousada e petulante. Seu "Eu" sujeito se dirige a uma audiência específica que também se encontra socialmente situada: são leitores/as inseridos/as em práticas de leitura e escrita de fanfiction que estão, provavelmente, prestes a iniciar a leitura de *Ineffable – l.s.* A autora-narradora inicia seu prólogo, estabelecendo o primeiro confronto de poder imbricado no enunciado *Fim*.

O título em francês "prologue" sinaliza a construção composicional do gênero prólogo, conforme o paradigma tradicional de produção literária. Originário do teatro na Grécia Antiga, um prólogo é a parte inicial da tragédia em que o seu tema é exposto. No

19 Grupo musical constituído por jovens do sexo masculino – adolescentes ou na faixa dos vinte anos – que se apresentam cantando e dançando em performances muito coreografadas. Nesse sentido específico, é uma banda em que os integrantes não tocam instrumentos musicais.

20 Termo cunhado pela aluna Anna Clara Fidelis em uma roda de conversa sobre fanfics.

21 Fonte: @amelarrypoulain, 2018. Disponível em: https://www.wattpad.com/549270411-ineffable-l-s-prologue Acessado em 07/03/2020.

entanto, a avaliação social na arquitetônica desse enunciado é expressa por meio de uma palavra que tem significado dicionarizado de término. O tom emocional volitivo é expresso pelo recurso semiótico do itálico que indica uma atitude efetiva interessada da enunciadora de provocar um abalo no que se entende, na literatura, por prólogo. Além disso, a opção estilística de enunciar *Fim* como uma única frase possibilita uma leitura em forma de verso, o que atribuiria à prosa narrativa do prólogo convencional um estilo poético.

Ao longo do prólogo, as relações dialógicas presentes em enunciados concretos refletem e refratam os sistemas ideológicos formados na esfera literária que estão sendo postos em xeque por amelarrypoulain. Analisemos o enunciado "Nunca é pelo fim que as histórias começam". Essa assertiva mobiliza um regime de verdades do qual dificilmente podemos discordar: as histórias de ninar, os contos de fadas e os clássicos começam, de uma forma ou de outra, com o "famoso 'Era uma vez'". Essas afirmações apontam para o fato de a autora ter consciência das forças que a impelem a usar os padrões legitimados pela esfera literária. Essa consciência faz com que a autora prossiga seu embate axiológico. Ao enunciar "Mas, (sic) não havia outro modo.", a autora provoca mais uma fricção discursiva, uma vez que parece estar ciente das forças que lhe permitem transgredir formações ideológicas legitimados nas esferas beletristas.

Essa disputa ideológica pode ser observada quando a autora elenca várias justificativas para defender o seu processo de escrita criativa. Podemos perceber que os enunciados da autora sugerem que ela domina os padrões da linguagem literária ao constatar que o *Fim* estava "provavelmente colocado no lugar errado" e, por isso, "quebrava absolutamente os padrões de narrativa e de sequência do enredo". De maneira intencional, amelarrypoulain não segue esses padrões devido à característica "liricamente rebelde" de seu "prologue".

A rebeldia também se faz presente quando o enunciado refrata a luta de classes entre o/a autor/a da esfera literária legitimada e o autor/a de fanfiction. Embora saibamos que na literatura de prestígio há espaço para transgressões, nosso interesse aqui é focar nos atritos enunciativos na arquitetônica exibida no quadro 1. Nesse recorte, a autora utiliza aspas em "era uma vez" e "felizes para sempre" – expressões comuns aos contos de fadas – e escolhe os itens lexicais *marcante*, *oficial*, *literário* e *famoso* para adjetivar o gênero prólogo. Esses recursos linguísticos refratam um juízo de valor atribuído pela autora ao reificarem um tom irônico que parece sinalizar uma resposta às críticas feitas a quem transgrede as normas da produção literária legitimada pelas classes sociais dominantes.

Diferente do que ocorre no prólogo, os sistemas ideológicos da academia, representados pelo prestígio da norma culta da língua[22], exercem uma forte influência sobre a autora na nota pós término, conforme pode ser observado no quadro 2 a seguir. É relevante sublinhar que o "Eu" - sujeito na interação discursiva nessa situação social é constituído na voz da autora e não do/ narrador/a. A comunicação se dá em primeira pessoa e é orientada diretamente para quem vai iniciar a leitura da história. Outro aspecto a ser considerado é que uma nota pós término faz sentido na esfera da fanfiction

[22] Não cabe no escopo deste trabalho problematizar as implicações de cultura e sociedade imbricadas no termo "norma culta".

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 378 – 399 | set/dez 2020

porque os capítulos vão sendo publicados aos poucos e as interações autor/a-leitor/a ocorrem ao longo do processo da escrita criativa.

Quadro 2: Nota pós-término[23]

Nota pós término:

by **amelarrypoulain**

Quero dizer que essa história é grande.

Ela é grande, cheia de pensamentos intercalados e coisas a se resolver. Repito: ela é grande. Sim, grande. Os capítulos são grandes. Se você não gosta de histórias pouco diretas ou considera cansativas, ela não é pra você e você tem todo o direito de parar de ler ao invés de se obrigar a continuar apenas para criticar.

Não ela não é trágica. Só grande. Já disse que é grande? Pois então...

Ela envolve uma aposta, mas não é abusiva ou cruel. A história é grande (depois não diga que eu não avisei...).

Se você ainda não leu a história vai começar agora e usa twitter, eu recomendo que silencie a palavra "Ineffable" e principalmente a palavra "Raeconteur" porque algumas pessoas não respeitam novos leitores e dão spoilers. Se você já leu, por favor, não seja uma dessas pessoas (nos comentários também) tem gente que fica chateada, vamos tentar guardar a magia da primeira vez, combinado?

No geral, a história pode ter erros na escrita, afinal estou sempre aprendendo e escrevi sozinha e muitas vezes sem revisão (e sou humana, né não?!). Qualquer opinião e aprendizado educado no particular, é sempre levado em consideração, só me chamar!

Eu realmente faço votos de que gostem, qualquer dúvida futura, estou à disposição. Obrigada só por estar aqui. Boa leitura e viva o amor.

Na situação social apresentada no quadro 2, o "Eu" - sujeito de amelarrypoulain é constituído na voz da autora-fã e não da narradora. Nesse sentido, é relevante sublinhar que os fios ideológicos que penetram no ato da escolha de seu nome artístico ou, na ótica bakhtiniana, seu nome estético, refratam sua atitude valorativa sobre a personagem Amélie Poulain, do premiado filme francês O Fabuloso Destino de Amélie, e sobre um dos artistas da boyband One Direction, o Harry Styles. A autora-fã amelarrypoulain se dirige a uma audiência específica que também se encontra socialmente situada: são, presumidamente, pertencentes ao mesmo fandom de One Direction. Há nesse direcionamento um tom de familiaridade e, como prática típica da fanfiction, amelarrypoulain abre uma canal de comunicação direto para interagir com os/as leitores/as durante a leitura da história, uma vez que estará "à disposição" para explicar "qualquer dúvida futura" .

A nota pós-término de amelarrypoulain é construída predominantemente por meio do gênero recomendação. Em um exemplo de transgressão e rebeldia às regras tácitas das esferas das redes sociais, a autora produz textos longos, o que é comumente

[23] Fonte: @amelarrypoulain, 2018. Disponível em: https://www.wattpad.com/549264465-ineffable-l-s-ineffable Acessado em 07/03/2020.

chamado de *textão* e, por isso, não é bem aceito. Entretanto, quando a autora informa que "no geral, a história pode ter erros na escrita", as ideologias linguísticas cristalizadas que naturalizam o escrever bem como a observância de uma norma padrão encontram-se refratadas em seu enunciado.

O seu enunciado posicionado entre parênteses "(e sou humana, né não?!)" é construído por meio da resistência de forças contrárias. Por um lado, a ideologia cristalizada *errar é humano* tenta libertá-la; por outro lado, a ideologia tornada oficial, que julga *ruim* um texto com erros linguísticos, a aprisiona a regras de padronização e purismo da linguagem. Essa força pela permanência acaba vencendo a disputa quando amelarrypoulain se coloca na defensiva ao enunciar "afinal estou sempre aprendendo e escrevi sozinha e muitas vezes sem revisão" e se mostra receptiva à correção ao enunciar "só me chamar!"

Além disso, ao enunciar que está disposta a corrigir seus erros, desde que seja "aprendizado educado", as ideologias linguísticas fazem a mediação entre as estruturas sociais e a linguagem viva e concreta. Em outras palavras, em seu enunciado, estão refratadas práticas discriminatórias comuns às classes sociais dominantes que criticam, não raramente de forma ofensiva, "erros" linguísticos cometidos pelas classes sociais menos favorecidas.

Ao mesmo tempo em que a literatura de fãs reivindica espaços para inovar, ou mesmo contestar, o que é considerado canônico na esfera literária, como, por exemplo, começar o prólogo pelo *fim* e borrar a dicotomia entre começo e fim, a preocupação de amelarrypoulain com os fãs e seu pedido de desculpas pelos "erros na escrita" representa uma atitude responsiva historicamente alicerçada na ideologia do purismo linguístico.

Esse mesmo purismo linguístico, calcado em um objetivismo abstrato que, como nos lembra Bakhtin (2016 [1952-53]), aparta o enunciado da vida na busca de uma cientificidade descolada do existir-evento e de suas implicações éticas, é refratado na avaliação social de Lourenço Filho (1945) de que os iletrados constituem um empecilho para o progresso do país. Nesse sentido, ideologias linguísticas avessas a hibridismos e misturas (re)enunciadas em cronotopos distintos têm contribuído para alijar corpos e textos de esferas sociais que gozam de maior prestígio e poder. Ao apostar no híbrido e criar inteligibilidades sobre permanências e rupturas em usos (re)situados das línguas(gens), construtos da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin articulados a uma perspectiva indisciplinar/transgressiva de Linguística Aplicada podem contribuir para que outras ideologias sejam performadas. Enunciamos, a seguir, uma conclusão temporária para essa articulação.

4. CONCLUINDO TEMPORARIAMENTE ESSE ENUNCIADO CONCRETO

A partir de atitudes responsivas que seus autores têm, enquanto linguistas aplicados/as, estabelecido com construtos da filosofia da linguagem esboçada pelo Círculo de Bakhtin, esse artigo buscou articular concepções como dialogismo, enunciado concreto, ideologia e atitude responsiva com ideologias refratadas pela vertente indisciplinar/transgressiva de Linguística Aplicada. Partindo do pressuposto que arcabouços epistemológicos pensados em cronotopos tão distintos possuem a leveza de pensamento necessária para criar inteligibilidades sobre os usos situados das

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 378 – 399 | set/dez 2020

linguagens na contemporaneidade, convocamos esses arcabouços para legitimar nossas interpretações acerca de enunciados produzidos no contexto de EJA e de literatura de fãs (fanfiction). Em busca de uma conclusão, tomando este artigo como enunciado concreto, finalizamos nossas atitudes responsivas esboçando respostas temporárias para as duas perguntas que propusemos na Introdução: em que aspectos concepções de línguas(gens) inscritas em cronotopos tão distintos se encontram? Como tais concepções podem dialogar para desafiar significados hegemônicos?

O encontro entre a arquitetônica bakhtiniana e concepções indisciplinares/transgressivas de Linguística Aplicada ocorre no dialogismo, ou seja, nos (inter)diálogos estabelecidos entre enunciados no fluxo da comunicação social. A definição da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin como análise dialógica do discurso indica a centralidade da concepção de dialogismo na teoria desenhada por Medviédev, Volóchinov e Bakhtin.

Por enfatizar o caráter relacional da linguagem, ou seja, a indissociabilidade entre o que enunciamos e a vida vivida em (inter)ações com outrem nas diversas esferas sociais, o conceito de dialogismo congrega em seu entorno concepções como enunciado concreto, gênero, atitude responsiva, ato responsável e ideologia. Compartilhamos com Costa (2017, p. 138) a compreensão de que o "o dialogismo é o modo pelo qual se produz o ideológico". Criar inteligibilidades sobre os significados refratados por enunciados dialógico-ideológicos e seus efeitos (anti)éticos no mundo social representa, portanto, uma preocupação compartilhada pela filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin e as vertentes indisciplinar/transgressiva de Linguística Aplicada. Mesmo em cronotopos tão distintos, ambas parecem se voltar para os fluxos, as hibridações e os embates entre enunciados na arena ideológica da comunicação social.

As reflexões que esboçamos sobre atitudes responsivas acerca da Educação de Jovens e Adultos e ideologias linguísticas refratadas por leitores/as e produtores/as de literatura de fãs indicam potencialidades de ressignificação de construtos do Círculo de Bakhtin no âmbito de perspectivas indisciplinares/transgressivas de Linguística Aplicada de forma a desafiar discursos hegemônicos.

Esse desafio é possibilitado pelo viés histórico-ideológico da análise dialógica do discurso privilegiada pelo Círculo. Ao focar no caráter relacional de discursos (re) produzidos historicamente em processos ininterruptos de lutas por legitimidade, autenticidade e autoridade, essa análise dialógica fornece ferramentas interpretativas potentes para compreender como discursos performam ideologias marcadas ora por permanências (forças centrípetas), ora por rupturas (forças centrífugas).

Entender como significados são historicamente (des/re)contextualizados em fluxos ininterruptos entre forças centrípetas e centrífugas parece-nos fundamental para desafiar ideologias linguísticas calcadas no signo arbitrário e neutro saussureano, no objetivismo abstrato que, ao descolar as línguas(gens) dos contextos que (re)produzem, acabam por hierarquizar práticas de letramento, desqualificando aquelas que se afastam do que foi estabelecido como norma ou padrão e os corpos de quem as produz. Esse constitui um desafio central para uma linguística que se quer implicada com usos mais plurais, híbridos e éticos das línguas(gens).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável.** 3ª ed. Tradução do italiano de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2017 [1919/1921].

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1ed. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952/53].

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I:** a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1ed. São Paulo: Editora 34, 2015 [1930].

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. **Voices of Modernity:** language ideologies and the politics of inequality. Cambridge University Press, 2003.

BEZERRA, P. Breve glossário de alguns conceitos-chave. In: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I:** a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1ed. São Paulo: Editora 34, 2015 [1930].

BLOMMAERT, J. **Discourse:** a critical introduction. Cambridge University Press, 2005.

CARVALHO, M. **Primeiras letras** – Alfabetização de jovens e adultos em espaços populares. São Paulo: Ática, 2009.

COSTA, L. R. **A questão da ideologia no Círculo de Bakhtin.** Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.

DI PIERRO, M. C.; GALVÃO, A. M. O. **O preconceito contra o analfabeto.** 2. ed. São Paulo: Editora Cortez Editora, 2007.

KROSKRITY, P. V. Language ideologies. A. Duranti (Ed.). **A Companion to Linguistic Anthropology.** Blackwell Publishing, 2004, pp. 496-517.

LOURENÇO FILHO, M. B. O problema da educação de adultos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 5, n. 14, ago. 1945. pp. 169 -185.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários:** introdução crítica a uma poética sociológica. Tradutoras Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2016 [1928]. Edição Kindle.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006, pp. 85-107.

MOITA LOPES, L. P. Ideology in research methodology. In Chapelle, Carol A. (ed.), **The Encyclopedia of Applied Linguistics**, 1-6. 1ed. New York: Wiley Blackwell, 2013.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006, pp. 67-84.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica:** linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 378 – 399 | set/dez 2020

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006, pp. 149-168.

ROJO, R.; MELO, R. Letramentos contemporâneos e a arquitetônica bakhtiniana. **D.E.L.T.A**, 33.4, 2017, pp. 1271-1289.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem** [1929]. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

SOUZA, G.T. **Introdução à teoria do enunciado concreto.** São Paulo: Humanitas/FFLCH, 1999.

SZUNDY, P. T. C. Language ideologies on English as a Lingua Franca in Brazil: conflicting positions expressed by undergraduate students. **The Journal of English as a Lingua Franca**, v. 6, 2017, pp. 167-192.

SZUNDY, P. T. C.; FABRICIO, B. F. Linguística Aplicada e indisciplinaridade no Brasil: promovendo diálogos, dissipando brumas e projetando desafios. In: SZUNDY, P. T. C.; TÍLIO, R.; MELO, G. C. V. (Orgs.). **Inovações e desafios epistemológicos em Linguística Aplicada:** perspectivas sul-americanas. 1ed.Campinas: Pontes Editores, 2019, v. 1, pp. 63-89.

VOLÓCHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1930].

VOLÓCHINOV, V. N. A construção da enunciação. In: VOLÓCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. Edição e supervisão da tradução Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

WOOLARD, K. A. Introduction. In: SCHIEFFELIN, B. B.; WOOLARD, K. A.; KROSKRITY, P. V. (Eds.). **Language ideologies practice and theory**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

Recebido em 29/06/2020
Aceito em 12/10/2020